

Opinião:

Yázigi por Ele Mesmo: Reencantamento da Cidade.

Revista Rosa dos Ventos
5(4) 669-672, out-dez, 2013

© O(s) Autor(es) 2013

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Eduardo Yázigi¹



Yázigi, Eduardo. (2013). *Reencantamento da cidade*. Miudezas geográficas e devaneio. São Paulo: CNPq/Editora Scortecci. PP. 380. ISBN 978-85-366-3309-1

Nos tempos que correm, as melhores intervenções de renovação urbana indicam a necessidade de enaltecer os ambientes de negócio e de turismo. Um valor a ser realmente concretizado, mas é preciso ter em conta, sobretudo o cotidiano do residente. Resultado da negligência: aumenta-se ainda mais a dualidade espacial. Enquanto o turista passa alguns dias num lugar, o morador tem de aguentar a vida inteira no mesmo local, ou outros para onde possa se mudar. É imperioso pensar o espaço banal com uma seriedade jamais ensaiada.

Incontáveis cidades do mundo vão perdendo a graça, até mesmo as clássicas; mas a *nostra culpa* brasileira é mais avassaladora por causa de nosso estouvado modo de entender o desenvolvimento, o espaço e a vida pública. De nada adianta o Brasil possuir hotéis requintados, se ao abrir a porta o turista se desencanta com favelas, patrimônio histórico e artístico em abandono, arquitetura sem caráter e o espaço público mais displicente do Ocidente – sem falar dos tiroteios! O autor tem afirmado que, em relação ao que foi no

¹ **Eduardo Yázigi** - Doutor. Livre docente pela USP. Professor da Universidade de São Paulo. Bolsista PP CNPq. E-mail: edyaz@usp.br

passado, o Brasil é o país mais enfeado do planeta nos últimos setenta anos. Além disso, as mídias já insistem numa nova síndrome crescente: a do “Transtorno explosivo intermitente”, bem conhecida dos habitantes dos grandes centros urbanos, sobretudo no trânsito. Grande parte do desencanto vem da cidade muito mal resolvida. Nem os mais ricos estão a salvo: não há quem possa evitar a cidade. Como o psicólogo James Hillman já denunciou num livro seu: essa síndrome estressante é a mais nova doença do divã.

Este livro se equilibra com um pé na filosofia de vida urbana, com linguagem bastante simples, e subsídios que ajudem a moralizar seu espaço e a noção de planejamento.

Lá se foi quase um século desde que Max Weber denunciou, 16 vezes ao longo de sua obra, o *desencantamento do mundo* devido à perda da magia e da religião. Com todo respeito ao insigne sociólogo alemão, este seu ‘do mundo’ não se aplica ao Brasil: contraditoriamente, não perdemos nem magia, nem religião – hoje mais fortes do que nunca, até sendo exportadas – e, no entanto o desencantamento de seu espaço é chocante.

Precisamos nos conscientizar de que a cidade é também nossa casa e que o prazer cotidiano pode ser poetizado sem grandes investimentos. Lembremo-nos: os maiores elogios ao Brasil, como os de Stefan Zweig em seu livro *Brasil, País de Futuro*, se referem a um tempo de pura singeleza, sem lantejoulas e paetês.

CAPÍTULOS ABORDADOS

O sentido da vida. Quem nasceu depois do avanço do desencantamento não pode sentir saudade do encanto que jamais conheceu; por outra mão, de nada vale uma volta ao passado se os dados do mundo atual são radicalmente diferentes. É hora de olharmos para frente e para o alto, repensar a cidade com todos os desafios que se apresentam. Mas um novo olhar que terá de se agarrar num questionamento básico: vivemos para construir cidades ou as construímos para nelas viver? Pareceu-me então que a melhor introdução teria de provocar o leitor desde um ponto de vista que bem poucos refletem. A maioria vive numa espécie sonambulismo sobre vias asfaltadas e elementos urbanos de baixo significado. Então, nada mais instigante do que iniciar com a clássica questão sobre O sentido da vida; não com doutrinas religiosas, mas aquelas reveladoras de sendas que a Mecânica Quântica apresenta sobre o metafísico – destino inevitável onde Física, Matemática e Química, principalmente, se encontram. Nada mais do que breves revelações cosmológicas que mais parecem pertencer ao campo da magia!

Formas de encantamento. Nesta sequência uma ordem capitular a guisa de ensaio, procurando sistematizar as grandes categorias de encantamento – das intangíveis àquelas que têm a ver com a concretude do espaço urbano. Encantamentos e desencantamentos num processo histórico e dialético. Aí, como não podia deixar de ser, a obra teve de enveredar, sobretudo pelas trilhas da Psicologia Social, já que o encantamento é tributário de nossos sentidos e psiquismos.

Revelação do vazio & eloquência do silêncio. Neste capítulo uma abordagem *sui generis*, calcada numa breve teorização sobre o vazio e o silêncio. Aqui é feita uma sistematização das diferentes formas de vazio que podem existir numa cidade. Ambos os conceitos entram como pano de fundo a ser investido na reorganização da vida nas cidades, forçadas a viver num ‘inferno de tralhas e estrondos’ que invadem a vida no espaço público e fazem a percepção

gangrenar. São dois reverses que permitem resolver parte da questão urbanística, mas não sem antes equacionar a tão pervertida relação público-privado no Brasil.

Massificação e qualidade. O grande e lúcido historiador Fernand Braudel já se inquietava, há mais de meio século, acerca de como garantir qualidade numa sociedade massificada. Não há quem hoje não sinta que, tocante a esta questão, permanecemos bem longe de ter equacionado, ou pelo menos iniciado caminhos promissores. As clássicas teorias sobre cidade carecem de incorporar, nos infindáveis problemas que as afligem, o uso do espaço urbano pelas massas e as novas concepções que possam privilegiá-las, a começar pelos arrabaldes do olvido, diminuindo a dualidade espacial.

Suavização do cotidiano. Na falta de cidades confortáveis, aconchegantes e funcionais, acabamos preferindo poltrona & televisão, ou uma piscina quem tem. A casa é *a priori* o lócus de um mundo minimamente pensado para nossa vida prática e nossos devaneios. Conquanto válido, corremos o risco real de nos amarguramos, pois ninguém pode evitar os suplícios da cidade e seu grito de socorro. Existem governos e sociedades organizadas com papéis a serem cumpridos! Este capítulo vaga, então, sobre fatores do cotidiano, passíveis de serem poetizados. Não com querubins ou adereços carnavalescos, mas com dignificação do espaço e o que nele existe.

Valores territoriais Dois grandes autores, mais ou menos do tempo de Weber, já faziam apologia sobre a importância da relação entre o cotidiano banal e as grandes estruturas que o definem. Estaríamos equivocados do ponto de vista estratégico se nossa preocupação ficasse unicamente centrada nas altas políticas. Esses autores são Berger e Agnes Heller. Quem não consegue refletir sobre o cotidiano banal à porta da casa fica sem elementos para entender e agir nas estruturas por ele responsáveis. Se a sociedade não se organizar efetivamente pela defesa de seu esteio espacial, as forças do mercado decidirão sozinhas com opções que poderão nos amargar a vida *y ahí te quiero ver!* Portanto, cotidiano banal e política de altas esferas são inseparáveis. Desgraçadamente, o país é cada vez mais dominado pela cultura do *pocotó* – cujo pensamento também foi sistematizado nesta obra.

Procura-se um elenco Como o reencantamento da cidade não deixa de ser uma procura pelo refinamento de todas as formas materiais reportadas aos habitantes, infelizmente isto não é lide que esteja ao alcance de todos, sobretudo os que estão dando seus primeiros passos de cidadania. Se assim não fosse já teríamos avançado muito neste campo. Profissionais afins e várias personalidades são conclamadas a detonar um processo reencantamento, expandindo-o ao máximo possível. Objetivo: promover comunicação de massa em vista da qualidade, e definir estratégias de governo e de gerenciamento urbano; ampliando a consciência ambientalista.

Trilhas políticas iniciais. Por fim uma discussão sobre as necessárias frentes estratégicas a serem conduzidas, com implicações em todos os níveis de poder. Aqui dois fenômenos se mostraram inevitáveis de serem muito bem revistos. O primeiro tocante ao nível cultural dos que legislam e governam a cidade; o segundo, reverter o suposto equívoco de que não há recursos para melhor qualificação da cidade. Conforme documentado, nada além do ano de 2010, *uma astronômica soma de 85 bilhões de reais foi desviada do erário pela corrupção.* A argumentação deste capítulo advoga ainda pelo fim da hipocrisia que domina todos os códigos jurídicos, questionando o próprio sentido da democracia.

A necessidade de disseminação de novos valores urbanos a ser liderada pela Educação nacional não é vista como uma cartilha a mais a ser esquecida em montanhas de documentos. Na medida em que o texto defende que somente o conceito de patrimônio ambiental urbano é capaz de dar conta do reencantamento do território, e *que ambiente é relação*, este cuidado a mais com a cidade dever ser incorporado no âmbito já existente do conceito de meio ambiente, hoje excessivamente limitado aos bens naturais. Por esta razão, em Anexo ao livro, cerca de vinte e cinco páginas são dedicadas ao entendimento da moderna conceituação de patrimônio ambiental que o autor detalha.